

DANÇA
4, 5 JUNHO 2018
ESPETÁCULO INTEGRADO
NO ALKANTARA FESTIVAL

Bruno Beltrão

Inoah

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Direção artística Bruno Beltrão **Assistência** Ugo Alexandre Neves **Bailarinos** Alci Junior Kapue, Bruno Duarte, Cleidson de Almeida "Kley", Douglas Santos, Igor Martins, João Chataignier, Leandro Gomes, Leonardo Laureano, Ronielson Araújo "Kapu" e Sid Yon **Luz** Renato Machado **Figurinos** Marcelo Sommer **Música** Felipe Storino **Projeção vídeo** Timo Quistorff **Produção** Grupo de Rua **Coprodução** Mousonturm (Frankfurt), Wiener Festwochen (Viena), Tanzhaus NRW (Düsseldorf), Festival de Marseille (Marselha) e Kampnagel (Hamburgo) **Apoio** Beira

Seg 4, ter 5 de junho
21h30 · Grande Auditório · Duração: 50 min · M6

No âmbito da edição comemorativa dos 25 anos do Festival Danças na Cidade / Alcantara Festival, Bruno Beltrão foi convidado para apresentar em Portugal *Inoah*, depois de ter participado na edição de 2010, com *H3*, e em 2002 no Danças na Cidade com *Eu e o meu Coreógrafo no 63* e *Do popping ao pop ou vice-versa*.

Inoah é uma peça que continua a tentar responder a velhas questões importantes para nós: como dançar juntos a partir de um vocabulário egocêntrico; como este vocabulário pode criar outros espaços; se existe espaço para a sutileza nas danças urbanas. [...]

Inoã é um bairro de Maricá, perto da cidade de Niterói. Tentámos encontrar um grande espaço em Niterói, mas não foi possível arrendá-lo. Depois encontramos este belo espaço em Inoã, a 40 minutos do Rio de Janeiro. A palavra Inoã vem da língua indígena Tupi e tem dois significados principais: erva alta ou campo alto; a outra é a abreviação de Nonã, que significa afunilar, pois esta região fica mais estreita ao atravessar um conjunto de montanhas muito bonitas denominado Serra da Tiririca. [...]

Durante seis meses ficámos numa cabana em Inoã que era um espaço todo fechado, excepto as janelas que nos permitiam ver parte de uma casa,

uma montanha no fundo com uma antena de telefones, e, do outro lado, fios e postes entrelaçados. Uma imagem insistente que acabou por persistir ou continuou a acompanhar-nos. Acredito que essas janelas são o indicador de um desconforto. Algo que parece estar ali para nos perguntar como é que a nossa dança comunica com o mundo. Na prática, todos sabemos que não existe criação de raiz e que qualquer trabalho é fruto da relação entre o corpo e o que nos rodeia. Mas parece que continuamos a insistir nisso porque nos leva a perguntar frequentemente qual é a diferença que a nossa dança provoca no mundo. Não olho para estas passagens do tempo como metáforas para a nossa crise política. Ou será que o são...? [...]

Bruno Beltrão em conversa com Ewoud Ceulemans, para o jornal belga *De Morgen*

Ultrapassar-se correndo de costas Sobre Linguagem e Comunidade

Bruno Beltrão nunca teve interesse em expandir o hip-hop com outras linguagens de movimento. Ele desconfia das estratégias de *branding* do hip-hop, mesmo que a reivindicação de um vocabulário de dança único também lhe seja demasiado limitativo.

Que nós humanos estamos, de qualquer modo, demasiado interessados em prosseguir hábitos e padrões é uma das preocupações que sustenta a desconstrução lúdica que Beltrão faz do hip-hop, do seu machismo e do culto da virtuosidade e da música negra. As suas peças incluem estratégias recorrentes como o abraçar a contradição e expor a fraseologia do hip-hop a outras linguagens e práticas culturais, incluindo as danças contemporâneas e o espaço do Teatro. Influenciado pelo coreógrafo Jérôme Bel, os seus trabalhos iniciais contêm legendas, ironia e uma dramaturgia à prova de bala de forma a domar as energias potencialmente turbulentas das linguagens em conflito. *H2* (2005) possui ambos os aspetos, mas inclina-se para uma articulação coreográfica do movimento e da composição, algo que se torna ainda mais presente nas criações posteriores como *H3* (2008) ou *Crackz* (2013). Para desvendar a intrigante cena central de correr de costas em *H2*, que parece conter algumas questões cruciais para entender a obra de Bruno Beltrão, devemos seguir as suas energias erráticas e latentes que se movem para a frente e para trás no tempo.

“As questões mais importantes no meu trabalho sempre foram de natureza estética mais do que social ou política, embora esse foco artístico tenha implicações mais vastas.” Isto foi uma das primeiras afirmações de Bruno Beltrão quando o entrevistei no Kunstenfestivaldesarts em Bruxelas, em maio de 2004.

Apesar da afirmação de Beltrão, falámos sobre as condições de produção do seu Grupo de Rua, um grupo de rapazes de Niterói que nunca imaginou abandonar a sua cidade, mas que, de repente, viu-se a viajar e a fazer parte de festivais internacionais. Conversámos sobre os problemas de tolerância e violência no Rio de Janeiro e também da relação entre sobreviver e ser criativo com poucos meios. Falámos ainda da atitude fechada do hip-hop – embora ofereça uma linguagem e um horizonte partilhado por Beltrão e pelos seus colaboradores – e de como desafiar o seu fundamentalismo empurra-o para uma crise, em que a sua exploração como língua e sistema de conhecimento se torna possível. Após uma longa e divagante conversa Beltrão concluiu: “O que considero importante é encontrar uma abertura para uma realidade existente e analisá-la. Como pode o hip-hop contribuir para um melhor entendimento do mundo em que vivemos? Talvez essa seja uma questão demasiado abrangente, especialmente porque ainda não tenho um futuro particular em vista. Contudo, é necessário acreditar em algo para criar, embora a dúvida esteja sempre presente”. *

Agarrar-se à dúvida e apreciar as questões artísticas e a qualidade

coreográfica formal são desafios que o trabalho de Beltrão coloca aos espectadores. Enquanto escritor convidado-me, também a mim, a movimentar-me através da experiência restritiva do seu formalismo para conseguir descobrir o caráter global da sua criação. [...]

Interrogado sobre como traduz as preocupações mais vastas que envolvem o seu trabalho em questões artísticas, Beltrão disse:

“Estilo e marca são questões paralelas. É mais uma questão de desenvolver conceitos para interpretar o material já existente. O que é a arte? Como se portam as pessoas em grupo? Como se relacionam com as expectativas e a liderança? Como funcionam as relações de poder? Esse é o tipo de questões que me interessa. Já não danço, pois não considero a minha linguagem corporal suficientemente específica para construir argumentos complexos. Para mim é emocionante ver como os outros dançarinos se apropriam destes conceitos, como a sua forma de mexer e pensar estão relacionadas. [...]” *

Excertos do trabalho de Jeroen Peeters para o livro *The Time We Share. Reflexões através e sobre as Artes Performativas*, Kunstenfestivaldesarts e Fonds Mercator, 2015. Versão completa disponível em: <http://sarma.be/docs/3298>

* *Breakdancers e filosofia. Bruno Beltrão e o seu Grupo de Rua de Niterói no Kunstenfestivaldesarts* por Jeroen Peeters para o jornal De Morgen, 17 de maio de 2004

Bruno Beltrão

1979, Niterói. Coreógrafo brasileiro que trabalha com o Grupo de Rua, desde 1996. Explora estilos de dança urbana e combina várias influências, incluindo o hip-hop, para formar paisagens coreográficas abstratas.

Desde criança, Beltrão queria realizar filmes e era fascinado por universos tridimensionais cinematográficos, gerados por computador. No entanto, aos 13 anos de idade, começou a dançar nas matinés de Niterói, iniciando inesperadamente a sua relação com o hip-hop. Em 1994, recebeu a primeira aula de dança lecionada por Yoram Szabo. Um ano depois, interrompeu os estudos e começou a ensinar danças de rua nas escolas da cidade. Em 1996, aos 16 anos, criou o Grupo de Rua de Niterói com Rodrigo Bernardi. Nos dois primeiros anos, o Grupo de Rua dedicou-se à dança competitiva participando em festivais. Durante esse período, enquanto vivia intensamente no mundo do hip-hop, Beltrão começou a experimentar levar essa cultura para lá dos limites da sua própria estrutura. Em 2000, matriculou-se na faculdade de dança do Centro Universitário da Cidade, no Rio de Janeiro. Em 2001, estreou o dueto *From Popping to Pop* no Duos de Dança, no SESC, em Copacabana. Essa peça foi a estreia oficial de Beltrão no circuito da dança contemporânea no Rio de Janeiro e também marcou um ponto de viragem na sua carreira, enquanto coreógrafo a desenvolver uma visão pessoal da dança urbana. No final desse ano, Rodrigo Bernardi deixou o projeto e Beltrão

assumiu a coordenação do Grupo de Rua. Desde então, coreografou *Too Legit to Quit* (2002), *Telesquat* (2003), *H2* (2005) e *H3* (2008), *Crackz* (2013) e agora *Inoah*.

Grupo de Rua

Fundado em julho de 1996 pelos artistas Bruno Beltrão e Rodrigo Bernardi – que deixa o grupo em 2001, passando Beltrão a assumir a sua direção desde essa altura.

Desde 2002, o Grupo de Rua realiza tournées internacionais, tendo-se apresentado em centenas de cidades em mais de trinta países, incluindo Portugal, Espanha, França, Alemanha, Bélgica, Holanda, Áustria, Suíça, Luxemburgo, Croácia, Finlândia, Suécia, Itália, Escócia, Inglaterra, Singapura, Canadá, Argentina, Uruguai, Japão, Coreia do Sul, Marrocos, Egito, Jordânia, Líbano, Tunísia, Síria, Uruguai, Chile, Estados Unidos, entre outros.

O Grupo de Rua e Bruno Beltrão acumulam os seguintes prémios e títulos: Prémio Cultura Nota 10, patrocinado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro (2004); Upcoming Choreographer of the Year da Ballet-Tanz Magazine, pela obra *H2* (2005); Prémio da Associação Paulista dos Críticos de Artes na categoria Coreógrafo, pela obra *H3* (2008); 5.º Prémio Bravo Prime de Cultura na categoria Performance de Dança, pela obra *H3* (2009); e The Bessies New York Dance and Performance Awards, também pela obra *H3* (2010). Em 2009,

receberam a menção honrosa do júri do Sindicato Nacional dos Críticos de Teatro do Musique et Danse, pela obra *H3*. Receberam também menções em diversos jornais, entre elas: Performances do Ano, pela obra *Eu e meu Coreógrafo no 63*, O Globo (2001); Personagem do Ano – Dança, O Globo (2002); Performances do ano, por *Telesquat*, O Globo (2003); por *H2*, O Globo (2005); por *H3*, Guia Folha de São Paulo, Jornal do Brasil e O Globo (2008); e Vibrant Scene's 20th-Century Base, The New York Times (2010).

Próximo espetáculo

Sofia Jernberg e Alexander Hawkins

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

Jazz Sex 8 de junho

Pequeno Auditório · 21h30 · Duração: 1h · M6



© Petra Cvelbar

Uma cantora sueca de ascendência etíope com percurso no jazz e na música erudita contemporânea junta-se a um pianista e organista britânico de formação clássica e atividade no jazz criativo e na improvisação livre.

Próximo espetáculo de teatro

O Novo Mundo

de Os Possessos

Teatro de qua 27 a sáb 30 de junho

Grande Auditório · 21h30 · Duração: 2h30
com intervalo · M16



© Os Possessos

No novo mundo tudo se torna mais fácil porque não há tempo, pelo menos não este tempo todo: não se espera que a vida comece, da mesma maneira que não é possível ficar aborrecido.

Conselho Diretivo

Presidente

José Ramalho

Administradores

Mark Deputter (Direção Artística)

Manuela Duro Teixeira

Assessores

Delfim Sardo (Artes Visuais)

Pedro Santos (Música)

Liliana Coutinho (Debate e encontros)

Francisco Frazão (assessor Teatro temporada 2017-2018)

Gil Mendo (assessor Dança temporada 2017-2018)

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos (coordenadora)

João Belo

Helena Salgueiro (estagiária)

Tatiana São (estagiária)

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Adriana Mestre (estagiária)

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Catarina Medina

Publicações

Maria João Santos

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

(coordenadora)

Patricia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Nina Ferreira

(coordenadora)

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

José Rui Silva

Direção de Cena

José Manuel Rodrigues

Técnicos Audiovisuais

Américo Firmino (coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico de palco

Vasco Branco

Frente de Casa e Bilheteira

Rute Sousa (coordenadora)

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Miguel Caissotti (conservador)

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Carolina Machado (estagiária)

Flávia Ferreira (estagiária)

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos · Rua Arco do Cego nº50, 1000-300 Lisboa · 21 790 51 55
www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo